

STB – Seminário Teológico Batista

ABASSIR

Educação Cristã

Prof. Denise Justino R. Santana

Tércio Bessa do Lago

1. ano

Curso: Bacharel em Teologia

Proposta de Trabalho de Aplicação Educacional, referente a Educação Cristã, levando-se em consideração as características físicas, emocionais, sociais e espirituais para uma classe de adultos mista.

Conceito de Educação quanto a Pedagogia.

Em seu livro Educação e Mudanças (Ed. Paz e Terra 22.ed.) Paulo Freire, realça a questão do profissional com a sociedade, refletindo sobre o compromisso, de uma decisão lúcida de se assumir um plano concreto.

Coloca como primeira questão a capacidade do individuo ser capaz de agir e refletir, de que ele seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele.

A Educação é uma resposta da finitude da infinitude. A Educação é possível para o homem, porque este é inacabado, e sabe-se inacabado. Isso leva-o à sua perfeição. A Educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém.

Por outro lado, a busca deve ser algo e deve traduzir-se em mais: é uma busca permanente de “si mesmo “(eu não posso pretender que meu filho seja mais em minha busca e não na dele).

O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca.

O homem por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta.

A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos.

Breve Histórico da Educação

A Educação Entre os Povos Primitivos.

A Educação não é uma atividade circunscrita apenas aos tempos modernos. A História informa que desde a antiguidade, povos conhecidos procuravam de uma forma ou de outra, educar as novas gerações. Além dos povos históricos (China, Egito, Índia, Grécia e Roma), que mantinham instituições e mestres dedicados à educação, povos os mais primitivos se mantinham ocupados com a educação. Este sistema de educação era desenvolvido com a participação gradual dos jovens nas tarefas familiares e pela ação dos sacerdotes, mágicos e adivinhos.

A Teoria da Educação

A teoria da educação surgiu quando o homem deixou de realizar a educação apenas pela experiência e passou a refletir sobre fatos. Os mais importantes filósofos da educação foram os gregos. Platão, que escreveu “A República”, e Aristóteles, com o livro “A Política”, ambos têm como tema central, a educação.

O que constituiria uma boa educação? O conceito sobre a boa educação sofreu continuas mudanças com o passar do tempo, sem falar na diferença existente entre o ideal da educação de um povo e o de outro.

A História da Educação

A China foi um dos primeiros países a possuir escola sistemática. Não eram construídos prédios escolares, O governo não provia escolas, apenas controlava o ensino. De três em três anos era preparado um exame de primeiro grau, que durava um dia. Meses mais tarde realizava-se o exame de segundo grau; o aluno deveria conhecer toda a obra de Confúcio. O grau máximo de

ensino, o terceiro grau, era realizado em Pequim, capital da China. O aluno recebia o grau de Mandarim.

Enquanto o ideal da educação chinesa era o da humildade, o indivíduo devia conservar a educação recebida e passá-la a seus filhos. O ideal da educação grega era o da beleza do corpo e do espírito. Ginástica para o corpo e música para o espírito. A instrução musical consistia no ensino da literatura e da música nacionais. O objetivo era desenvolver o espírito de lealdade à pátria.

A educação romana era inteiramente ministrada em família, O pai tinha poder ilimitado sobre os filhos e era responsável por sua educação moral, cívica e religiosa. Não existiam escolas, mas o jovem romano devia aprender a reverenciar os deuses, a ler e a conhecer as leis de seu país. O ideal da educação romana era o militar. Ser um herói era o desejo de todo jovem romano.

A Educação Cristã. Educando na Igreja

O Cristianismo surgiu trazendo um novo sopro de vida em um mundo cujos costumes se haviam corrompido. As escolas começaram a surgir ao lado dos conventos e das igrejas.

Era ensinado, além das doutrinas da igreja e das Escrituras, gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, música e astronomia. A gramática consistia no estudo do conteúdo e das formas literárias. A dialética reduzia-se à lógica formal, enquanto a retórica compreendia o estudo das regras e dos métodos de composição literárias em prosa e verso. A geometria compreendia a atual *geografia*, história natural e botânica. A aritmética consistia simplesmente de cálculos práticos do dia-a-dia. E a música não passava de um conjunto de regras sobre canções sacras, teoria do som, e relação entre a harmonia e os números.

O QUE É EDUCAÇÃO

A medida que o homem progride, o conceito sobre educação se modifica. Isto acontece porque os objetivos a serem alcançados também se modificam.

O Conceito Antigo

Antigamente esperava-se que o filho seguisse a mesma profissão do pai, e, no futuro, assumisse o seu lugar. Em consequência disto, a educação era dada pela própria família e era realizada pelo processo “aprenda fazendo”.

O pai levava o filho para o campo ou para a oficina e lá o treinava, dando-lhe tarefas que começavam pelas mais fáceis e aos poucos se tomavam mais difíceis. A mãe, em casa, procedia da mesma forma com a filha. Ao mesmo tempo os pais procuravam desenvolver bons hábitos em seus filhos, tais como: respeito pelos mais velhos, veracidade, asseio, pontualidade, etc.

Chamava-se a esta forma de educação; “preparar para a vida”.

Pouco a pouco começou-se a dar maior valor à instrução formal e a figura do professor entrou em cena.

O método usado era o de transmissão, o professor falava e o aluno tomava notas para em seguida memorizar.

O professor era comparado a um oleiro. Tinha em suas mãos uma quantidade de barro que ele devia moldar e embelezar. Ele devia formar a personalidade do aluno, desenvolvendo nele bons hábitos e caráter, e embelezá-lo com o máximo possível de conhecimentos.

O Conceito Atual

A instrução e o treinamento são muito importantes, mas não cumprem sozinhos a tarefa de educar. O educando pode melhor ser comparado a uma planta. Nenhum lavrador em são juízo, tenta colher trigo em seu milharal, antes, ele deseja que a sua plantação, seja qual for, produza mais e melhores frutos.

Continuamente sofremos influências de outras pessoas, daquilo que vemos, do que ouvimos e de experiências pelas quais passamos. Se estas influências produzem efeitos permanentes em nós, enriquecendo nossa vida e nos aperfeiçoando, podemos dizer que são experiências educativas.

A educação é um processo contínuo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da vida. Nenhum tipo de educação cumprirá melhor este objetivo do que a educação cristã. A educação que recebemos no lar, na escola, no trabalho, etc., melhora a nossa vida e nos ajuda a viver bem com os nossos semelhantes. A educação cristã nos ajuda a viver bem aqui na terra, e, pela conversão e santificação, nos encaminha a Deus.

“Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14.)

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA ENTRE OS JUDEUS

O Dever de Ensinar

Em nosso país, como nos demais, existe um grande número de instituições (escolas, colégios, universidades, museus, bibliotecas, e outros), que cuidam da educação das novas gerações. Os líderes das nações sabem que o povo *precisa receber boa educação*.

Da mesma maneira os líderes de várias religiões existentes, procuram educar os seus fiéis. Chamamos educação religiosa aquela que é ministrada pelas diferentes religiões, inclusive o Judaísmo e o Cristianismo. Porém, quanto à educação cristã, esta trata única e exclusivamente dos ensinamentos do Cristianismo.

Tão logo o povo de Israel passou o Mar Vermelho, Deus chamou a Moisés e responsabilizou-o de, juntamente com os anciãos e os sacerdotes, ensinar ao povo os Seus mandamentos. Deus disse: *“Ajuntai o povo, os homens, as mulheres, os meninos e o estrangeiro que está dentro da vossa cidade, para que ouçam, e aprendam, e tenham o Senhor vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei” (Dt 31.12)* Leia também 1 Samuel 12.23; 2 Crônicas 15.3 e Jeremias 18.18.

Deus responsabilizou também os pais. Eles deveriam ensinar os seus filhos no temor do Senhor (Dt 6.7; 11.19).

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NOS DIAS DE JESUS

A Educação Judaica

É notório a curiosidade de toda a criança saudável. Os famosos “por quês” muitas vezes nos irritam, mas também nos dão oportunidades para ensinar verdades preciosas a nossos filhos.

O menino judeu crescia vendo os objetos e hábitos de seus pais, cujos significados espirituais lhes eram ensinados por determinação do próprio Deus (Dt 6.20; Jz 4.6,7).

Sabemos, pela História e pela tradição judaica, que ligada a cada sinagoga, havia uma escola elementar. Sua frequência era obrigatória.

O menino judeu começava a sua educação religiosa e moral aos seis anos. Estudava a Lei, os Profetas, a poesia e a história do seu povo; aprendia também os ritos e as cerimônias. Dos dez aos quinze anos de idade ele complementava sua educação religiosa estudando as interpretações orais da Lei e as tradições dos anciãos, tal fato é comprovado na vida do judeu Saulo (At 22.3).

Lucas 2.46,47 mostra Jesus entre os doutores da Lei e nos faz compreender que o menino Jesus frequentou tal escola.

Aos treze anos o menino passava a frequentar a sinagoga, onde continuamente eram estudados a Lei e os Profetas. Alguém lia um texto e o explicava, linha por linha, como Jesus fez conforme Lucas 4.17-21.

Jesus o Mestre

Não devemos confundir o ministério de Jesus, olhando-o apenas como Mestre, esquecendo-nos que Ele é em primeiro lugar nosso Salvador e Senhor. Durante o Seu ministério, Jesus ensinava, pregava e curava (Mt 4.23).

Jesus ensinava sempre que surgia oportunidade. Ele ensinava a poucos (Jo 3.3-21), muitos (Mc 6.34); ensinava no Templo (Mc 12.35), nas casas (Mc 2.1,2), ou ao ar livre (Mt 5.1).

Seus métodos eram os mais variados. Ele pregava sermões (Mt 5); usava ilustrações (Mt 5.13-16); ensinava por parábolas (Mt 13.3), ou mesmo realizava um milagre para ensinar (Mt 12.9-13).

Comumente os discípulos, os amigos e mesmo os Inimigos, se dirigiam a Jesus chamando-o Rabi ou Mestre. Ele mesmo declarou: *“Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou.”* (Jo 13.13.)

Devemos ensinar porque Jesus ensinava e porque Ele assim ordenou (Mt 28.19,20). Se cuidarmos melhor da educação cristã de nossos filhos, e dos nossos convertidos, veremos nossos templos mais cheios e menos de nós choraremos pela salvação de nossos filhos adultos. Muitos se desviam, levados por ventos de doutrina (Ef 4.14), ou queimados pelo sol por falta de raiz espiritual (Mt 13.6), por falta de uma base sólida na Palavra de Deus.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA PRIMITIVA

O Ensino dos Apóstolos

Jesus ensinou em toda e qualquer ocasião àqueles que se dispunham a ouvi-lo. Além disso, Ele procurou treinar um grupo especial para ensinar os apóstolos. Eles deveriam dar continuidade à Sua missão, *pregar o Evangelho do reino e ensinar a todas as nações* Atos 2.42 diz que os novos crentes perseveraram na doutrina dos apóstolos. Isto acontecia porque eles a ensinavam.

O livro de Atos dos Apóstolos é uma crônica na qual encontramos os apóstolos ensinando às ovelhas de Cristo. Paulo e Barnabé estiveram um ano em Antioquia (At 11.26), ensinando e preparando instrutores que ali ficariam e ensinariam, enquanto o Espírito Santo os levasse a outras igrejas. Em Éfeso, Paulo esteve por três anos (At 20.31), e em Corinto ele permaneceu um ano e seis meses (At 18.11), ensinando a Palavra de Deus.

Paulo foi, sem dúvida, o maior instrutor da Igreja Primitiva, mas os outros apóstolos também exerceram com êxito este precioso ministério. As epístolas são uma prova do quanto eles se preocupavam com o ensino da sã doutrina.

As perseguições que tiveram início com a morte de Estevão, continuaram por três séculos. Durante este período, os pais da Igreja não cessaram de ensinar. Escondidos nas casas ou nas catacumbas de Roma, eles ensinavam aos que se convertiam ao Cristianismo.

Depois de certo tempo, o ensino deixou de ser valorizado. Aos poucos os cristãos começaram a afastar-se dos ensinamentos de Cristo. A Igreja principiou a dar maior valor aos ritos e às tradições. Cristo passou a ser colocado em segundo plano, enquanto que os métodos ensinados por Ele foram deixados de lado.

A Responsabilidade Continua

A história secular registra o grande evento da Reforma. Deus levantou homens como Lutero, para reconduzirem o Seu povo ao caminho da verdade. A Bíblia foi traduzida por Lutero e desde então muitos livros foram escritos para ajudar-nos a pôr em prática os ensinamentos de Cristo.

Deus deixou bem claro o que deseja que façamos a este respeito. Em 2 Timóteo 2.2 está escrito:

“E o que de minha parte ouviste ... transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.”

Esta é a nossa responsabilidade: ensinar e preparar instrutores para que o reino de Deus continue a crescer.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA IGREJA HODIERNA

Não é Conceito Novo

A educação cristã não é uma inovação, nem pretendemos que outra coisa seja ensinada além da verdade que Jesus ensinou. Usar os métodos e princípios modernos da educação é voltar ao modo de ensino de Jesus. Há muita semelhança entre os mais modernos métodos de pedagogia e a maneira simples, clara e objetiva de Jesus ensinar Suas preciosas verdades. Não é imitar os métodos seculares de educação. Ao contrário, o sistema usado atualmente nas escolas públicas foi copiado do método usado nas escolas de educação religiosa.

Através dos anos foram surgindo varias organizações voltadas à educação religiosa: seminários, institutos bíblicos, escolas para aperfeiçoamento de obreiros, tomando-se verdadeiras escolas de profetas, procurando instruir homens fiéis para que pudessem ensinar a outros.

Agencia de educação

Dentro de nossas igrejas, a Escola Dominical é a mais importante agência de educação religiosa. Homens, mulheres e crianças são levados a Cristo pela Escola Dominical e nela recebem alimento sólido para o bom crescimento espiritual.

Além da Escola Dominical temos organizações especiais para jovens, Escola Bíblica de Férias para crianças, Circulo de Férias para crianças, Círculo de Oração e estudo da Palavra, para senhoras, etc. Estes trabalhos precisam ser bem orientados para não perderem sua função educativa.

Muita coisa ainda pode ser feita. Oremos para que Deus levante homens e mulheres e os capacite para o ministério do ensino. Que as nossas igrejas sintam o peso da responsabilidade que está sobre ela nesse sentido.

O Lugar da Educação Cristã

A conversão é resultado da operação direta de Deus na alma do homem. A educação cristã não pode salvar ninguém, mas pode conduzir as pessoas ao conhecimento de Deus, tomando-se um canal para a operação da graça divina.

A conversão não é um fim, mas o início de uma nova vida. O recém-nascido espiritual necessita crescer na .. *graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* (2 Pe 3.18). A educação cristã favorece o seu perfeito desenvolvimento.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO BÍBLICO

Sua Importância no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, o ensino foi um dos meios principais através do qual Deus se revelou ao homem. Em Êxodo 4.15, Deus falou diretamente a Moisés quando quis que este tirasse os israelitas do Egito. Mais tarde, Moisés reuniu o povo e lhe ordenou ensinar aos filhos e netos a Lei de Deus (Dt 4,10). Eles deviam ter *um* entendimento *completo* de quem é Deus. Anos mais tarde, quando os filhos de Israel se afastaram de Deus e quiseram um rei humano, Samuel orou por eles e se ofereceu para ensinar-lhes o caminho certo e bom (1 Sm 12.23). Um dos comentários mais tristes sobre os israelitas foi feito em 2 Crônicas 15.3: *'Israel esteve por muito tempo sem o verdadeiro Deus, sem sacerdote que o ensinasse e sem lei'*.

Quando Já estava sofrendo, ele clamou: *'Ensina-me e eu me calarei; dai-me a entender em que tenho errado.* (Já 6.24). Seu amigo Eliú exclamou mais tarde: *"Eis que Deus se mostra grande em seu poder! Quem é mestre como ele?"* (Jo 36.22), Davi orou: *'Faze-me, SENHOR conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas.* "(Sl 25.4). Ele afirmou que Deus *'aponta o caminho aos pecadores.* "(Sl 25.8). Miquéias e Isaías nos falam que Deus ensinará o caminho aos pecadores (Mq 4.2; Is 2.3). Quando Deus ensina, Ele ensina preceito sobre preceito, linha sobre linha, um pouco aqui e ali para que o homem chegue ao necessário entendimento, para andar com Deus (Is 28.13).

A Importância do Ensino na Igreja

Atos 5.42 nos diz que a Igreja primitiva não cessava de ensinar e pregar sobre Jesus Cristo diariamente no templo e nas casas, e o número de discípulos se multiplicava grandemente em Jerusalém. Pelo emprego freqüente do termo, vê-se que os escritores do Novo Testamento sabiam muito bem a diferença entre ensinar e pregar. Como Jesus, os crentes da igreja primitiva estavam empenhados no ensino bíblico mais do que no ministério da pregação. Enquanto que o termo pregar aparece 143 vezes nas Escrituras, o termo ensinar é usado 217. Estevão, Pedro e Paulo ocupavam-se muito do ensino, até mesmo quando pregavam.

O FUNDAMENTO DO ENSINO BÍBLICO

Para que um edifício tenha firmeza, ele precisa ter um fundamento sólido. Quem ensina as Escrituras também precisa ter uma base sólida sob seu ministério. Seu alicerce não pode ser o de conceitos humanos, nem a sabedoria dos eruditos. É algo muito mais profundo. Seu ministério deve ser edificado sobre as Escrituras Sagradas.

A Permanência do Fundamento

As Escrituras, tão somente elas, podem resistir ao teste do tempo. Somente a verdade divina revelada nas suas páginas pode transformar vidas e formar o verdadeiro caráter cristão. Ela é a revelação de Deus ao homem, descrevendo o seu estado morai e espiritual, sua necessidade, sua única esperança de salvação e seu destino final. A Bíblia é a Palavra de Deus impressa. Através dela, Deus comunica a Sua verdade ao homem. Porém, a Bíblia é mais do que uma simples fonte de informação; é o ponto de contato de Deus com o homem. Não o homem tem seu próprio retrato tirado por Deus. Quando lemos a Bíblia, não estamos simplesmente colhendo informações; estamos, sim, em contato com Deus, através da Sua Palavra.

Quando alguém lê as Escrituras, ocorre nele uma reação. Se esta reação for negativa, ela voltar-se-á contra ela e tentará ignorar a Deus. Se reagir positivamente, ele *voltar-se-á* para Deus, com fé, louvor, adoração e obediência. Diante da Bíblia, a atitude do homem para com Deus será *uma* dessas *duas*. O crescimento cristão também depende da nossa atitude para com a Bíblia, *Uma* pessoa não pode crescer espiritualmente a não ser que viva em obediência à Palavra de Deus.

Edificando Sobre o Firme Fundamento

O ministério do mestre bíblico destina-se a ajudar os homens a entenderem a Palavra de Deus e levá-los a uma atitude positiva para com Deus, isto é, buscá-lo. O mestre bíblico ajuda-os a voltarem-se para Ele em obediência e amor. Mas para isto, o mestre não trabalha só. Quem o capacita é o Espírito Santo, que também guia e dirige os ouvintes no processo da aprendizagem. Enquanto o mestre ensina as Escrituras, o Espírito Santo, pelo Seu poder, opera a transformação nos homens. Jesus prometeu o “... *Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.*” (Jo 14.26). O ensino do mestre bíblico se baseia na Palavra de Deus e o seu poder vem do Espírito para o estímulo, crescimento, edificação e amadurecimento do cristão.

Acabamos de ver que o ministério do ensino bíblico não pode ser baseado em teorias humanas, À medida que o Espírito estimula e conduz o aluno ao crescimento espiritual, sua vida é mudada e a imagem de Cristo toma-se mais real nele. Tudo vem por meio da Palavra de Deus, o sólido fundamento.

O PROPÓSITO DO ENSINO BÍBLICO

Como falamos no último Texto, o ensino bíblico deve fundamentar-se somente nas Escrituras. Todavia, o simples conhecimento das Escrituras não é suficiente, pois uma pessoa não é salva do seu pecado, apenas por ter conhecimento da Bíblia. Muitos há, no mundo hoje, que não obstante terem estudado as Escrituras e até conhecerem muitas partes dela de memória, não irão para o céu.

O conhecimento da Bíblia, tem real valor quando colocado em prática e verificado o seu poder transformador nas vidas.

Daí, os cinco propósitos fundamentais do ensino e do conhecimento da Palavra de Deus no ser humano, serem os seguintes:

1. Reconhecer as necessidades espirituais;
2. Aceitar a Cristo pela salvação;
3. Instruir-se biblicamente;
4. Aplicar a Bíblia à vida diária;
5. Testemunhar de Cristo.

Reconhecer as Necessidades Espirituais

Em primeiro lugar, salientaremos como o ensino da Bíblia mostra ao homem as suas necessidades espirituais, principalmente a de salvação. Por exemplo, Jesus disse: ‘ *eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.* “(Jo 10.10). A vida que Cristo oferece não é *temporal*, mas sim, eterna. “*Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida*” (Jo 5.24).

Jesus nunca buscou impressionar Seus discípulos com grandezas das coisas terrenas. Ao invés disto Ele tratou da eternidade e da necessidade do homem se preparar para tal fim. Ele ensinou que o homem precisa nascer de novo, e, como nova criatura, pertencer ao reino de Deus.

Cristo atendeu às necessidades físicas do homem, mas preocupou-se muito mais com o valor real da sua alma. Ele colocou o espiritual acima do material. Jesus não tratou de reformas sociais. Sua ênfase estava nas coisas mais importantes e de valor eterno.

Proposta de Trabalho

Projeto Plano Ações

1. Projeto

Proposta Educacional
Papel das lideranças

- | | | |
|-------------------------------|---|---|
| | 1. Desenvolver esta Postura | a) compromisso
b) motivação |
| a) - Que tipo de sociedade | 1. Que tipo de escola
2. Que tipo de ações | a) organização curricular
b) Trabalho coletivo |
| | 3. Que tipo de instrumentos | a) legais
b) Burocráticos |
| b) – Que tipo de aluno | | |
| c) - Que tipo de aprendizagem | | |

2. Plano

- a) Assunto
- b) Objetivos
- c) Estratégias

- d) Recursos
- e) Avaliação

3. Ações

- a) Abertura
- b) Desenvolvimento
- c) Aplicação
- d) Revisão

Componente Curricular

I. Objetivo Geral:

Levar o educando ao conhecimento de Deus, seu amor para conosco, que Jesus Cristo morreu na Cruz do Calvário, para que tenhamos vida e vida em abundância.

II. Objetivos Específicos:

Levar o educando a compreensão de que todos pecaram, e por isto estão destituídos da graça de Deus, mas que através do sacrifício de Jesus Cristo na cruz do calvário, somos justificados diante de Deus

1. Reconhecer as necessidades espirituais;
2. Aceitar a Cristo pela salvação;
3. Instruir-se biblicamente;
4. Aplicar a Bíblia à vida diária;
5. Testemunhar de Cristo.

III. Conteúdo Programático

Estudo minucioso das Sagradas Escrituras, levando o educando a participar da interpretação, através da critica textual e da hermenêutica.

- a) analise
- b) comentário
- c) comparação
- d) Conclusão
- e) Critica
- f) Explicação
- g) Justificativa e
- h) Resumo

a) Análise - Na aula operatória a habilidade de analisar consiste na superação/união de diferentes elementos, em busca de uma compreensão mais ampla e possível da realidade. É uma habilidade considerada “maior”, porque pode ser elaborada concomitantemente a outras habilidades

do pensamento tais como: analisar, criticar, comparativamente e resumidamente; em movimentos dialéticos, a análise vai se constituindo de outras e em outras habilidades.

b) Comentar - O comentário é a observação e descrição dos elementos e dimensões constitutivas de fenômenos, idéias ou textos. Neste pensamento operatório, revelam-se aspectos positivos/negativos com base em algum juízo de valor.

Comentar é uma habilidade operatória mais precisa ao coloquial; implica em ajuizar, segundo critérios pessoais, podendo ser embasado em sentimentos, experiências e valores próprios. É diferente de interpretar, porque, nas situações acadêmicas ou científicas a interpretação pressupõe embasamento teórico com alto nível de fidelidade à mesma: interpretação fenomenológica ou psicanalítica.

c) Comparar - Consiste na observação seletiva de dois ou mais fenômenos ou idéias e na separação de aspectos semelhantes ou diferenciados. Exige a visão e a análise do conjunto das partes envolvidas e as respectivas peculiaridades que possam ser confrontadas e solicita o encaminhamento do pensamento através de critérios de análise, comparação através do ponto de vista cultural, político etc.

d) Concluir - É uma habilidade que possibilita ao aluno ir além do observado/estudado, percebendo ou levantando variáveis ou hipóteses; faz surgir novos referenciais e analogias, utilizando-se da expressão de outras imagens, formas ou conteúdos.

A conclusão é a habilidade que na qual estão inclusas questionamentos ou desdobramentos porque a mesma pode ser constituída de perguntas ou problemas a serem respondidas ou resolvidas.

e) Criticar - A crítica só é consistente quando elaborada a partir de fundamentos teóricos explícitos e contextualizados, apresentar questionamentos, levantamento de hipóteses ou suposições justificadas atentar identificar o encoberto.

A habilidade de crítica toma-se consistente a partir de quando descreve, dialeticamente, o bem e o mal sempre presentes em cada fenômeno, evitando-se a visão maniqueísta, que insiste em superá-los hermética e compartimentalmente.

É através da crítica que se processa a ligação entre o Homem e o Mundo porque, com o propósito de transformá-los vai, obrigatoriamente. incluindo a discussão de valores éticos, morais, espirituais, políticos e etc.

f) Explicação - Explicar implica, necessariamente, manter a fidelidade ao tema central, a precisão de exposição e, principalmente, a seqüência lógica, ou seja, repetir o fenômeno ou a idéia, com palavras e modo próprios, podendo contextualizá-los histórica, política ou socialmente. Dar a conhecer, descrever, expor, podendo buscar origens, o sentido social, a dimensão cultural e as transformações possíveis, relacionar, correlacionar.

g) Justificar - A justificativa consiste em situar fenômenos e idéias apresentando suas origens e seu desenvolvimento através de demonstrações de possíveis implicações sociais, políticas ou físicas.

Diferente da explicação, a justificativa implica na análise e defesa de possíveis aspectos contraditórios. É um pensamento pelo qual se busca a verdade ou a exatidão de proposições. Importante na contenção do conhecimento, pois é nela que se confinam ou não, hipóteses anteriormente levantadas; pode implicar, também, noções de probabilidade e de correlação, desde que ligadas às provas constituídas.

h) Resumir - O resumo consiste na apresentação de partes importantes ou construtivas, de maneira condensadas, sem perde o essencial, antes, ressaltando-o de maneira significativa.

Não deve caracterizar-se como cópia, mas um novo e pessoal discurso, no qual prevalecem as idéias básicas.

Resumir é uma habilidade necessária e presente na vida acadêmica, pôr isso a importância da orientação sistemática do professor desde a leitura e marcação do texto até a apresentação oral ou escrita.

Num tempo em que se cultua a imagem e se desvaloriza a reflexão, a pressa na apresentação dos conteúdos conduz a superficialidade e afugenta a crítica, a questão do pensar universal e a formação global dos alunos deve ser uma constante preocupação da formação acadêmica.

IV. Procedimento Metodológico

1. Técnicas de Ensino/ou de Trabalho em **Grupo**

As técnicas de ensino ou de trabalho em grupo constituem extraordinários instrumentos de motivação do aluno, uma vez que transformam o conhecimento a ser elaborado em um recurso de ludicidade e competitividade; contribuindo assim para o desenvolvimento da criatividade, desinibição, socialização, fixação dos conhecimentos e coerente avaliação dos avanços obtidos. Outras vantagens, do uso de diferentes técnicas de ensino, para apresentam-se como pôr exemplo — substituir fastidiosas exposições ou ainda tomar mais dinâmicas atividades informativas ou reflexivas.

As técnicas de ensino ou de trabalho em grupo apresentam três características que devem ser consideradas:

- A utilização do grupo como instrumento de formação e como fator e progresso pedagógico;
- Uma oportunidade para despertar a iniciativa dos alunos como os agentes da aprendizagem;
- A utilização das motivações intrínsecas;
- Professores e alunos trabalham num esforço comum;
- A informação ou instrução pelo professor é substituída pela participação e elaboração do aluno.

Através das técnicas de trabalho em grupo, quando o processo didático passa a ser centrado na atividade do aluno, os objetivos imediatos são os de oportunizar o aluno a falar, a pensar e os objetivos alcançáveis mais a longo prazo são o crescimento pessoal e a competência dos mesmos.

Para a operacionalização das técnicas de ensino ou de trabalho em grupo o professor precisa possuir ou desenvolver algumas habilidades consideradas importantes e indispensáveis. Tais habilidades são: clareza na explicação ou explanação, capacidade de ouvir tudo e não só o que lhe interessa, de questionar, responder, resumir e fichar.

Alguns aspectos relevantes e indagativos devem também ser considerados sempre que se fizer uso de técnicas de trabalhos em grupo tais como:

- Qual o propósito a que serve?
- O melhor momento para a sua utilização?
- Qual a sua abrangência?

Algumas sugestões de técnicas de ensino/ou de trabalho em grupo:

1 — Resoluções de Problemas

Objetos

- Aplicar corretamente o pensamento reflexivo;
- Descobrir alternativas para determinado problema;
- Utilizar criativamente a sua capacidade.

Procedimentos

a) **Informação:**

A técnica consiste em apresentar ao aluno determinado problema, impelindo-o à ação e, assim, obter uma solução para ele. Os elementos deste processo são:

- Uma situação que apresente alguma dificuldade ou dúvida que requeira solução;
- Uma finalidade implícita na solução do problema;
- Um motivo bastante forte que oriente na solução do problema.

b) **Execução:**

- Propor o problema claramente, após incentivo;
- Orientar os alunos na análise e levantamento de hipóteses;
- Comprovar as hipóteses;
- Estabelecer conclusões.

2—Estudo de Caso

Objetivos

- Desenvolver no aluno o pensamento reflexivo;
- Apresentar ao aluno situações da vida em que ele deva tomar decisões;
- Propiciar situações de vida em que, analisando dados, o aluno desenvolva a capacidade de discernimento.

Procedimentos

- Seleção, pelo professor, de um caso em que haja um problema a ser solucionado, uma dificuldade ou um impasse;
- Explicação da técnica e apresentação do caso pelo professor, aluno ou pessoa convidada.
- Participação da classe: cada aluno apresentará sua solução para o caso;
- Professor e alunos selecionam a melhor solução e todos a registram como conclusão.

Esta técnica pode ser aplicada em diferentes áreas, como Direito, Psicologia, Administração, Assistência Social e outros.

3 — Painel ou Mesa-Redonda

Objetivos

- Auxiliar o grupo a enfrentar um assunto muito controvertido;
- Reproduzir o quanto possível, frente a um grande grupo, o método de discussão dos pequenos grupos;
- Oportunizar a discussão informal sobre determinado assunto perante um auditório;
- Estimular a elaboração intelectual do auditório;
- Reunir um grupo de pessoas para, em comum esforço, buscar solução para um dado problema.

Procedimentos

- De cinco a oito pessoas se colocam, sem formalidades, de frente e em círculo, ou ao redor de uma mesa, para falar de um determinado assunto;
- Cada pessoa deverá falar de dois a dez minutos;
- O coordenador, chamado moderador, anuncia o tema da discussão e o tempo destinado a cada participante;
- Ao final, o moderador apresenta o resumo da discussão para, em seguida, convidar o auditório a formular perguntas;

Observação: a técnica do Painel, como a do Simpósio, não exige uma conclusão. A assistência não deve omitir um opinião.

4— Simpósio

Simpósio, atualmente, é a reunião de palestras e preleções apresentadas pôr vários indivíduos (dois a cinco) sobre um assunto ou sobre diversos aspectos de um assunto.

Objetivos

- Desenvolver habilidades sociais;
- Investigar um problema em perspectivas diferentes;
- Favorecer a integração da aprendizagem;
- Ampliar experiências sobre um conteúdo específico;
- Desenvolver habilidade de estabelecer relações.

Procedimentos

- Grande grupo assiste á apresentação do assunto pelo pequeno grupo;
- Pequeno grupo esquematiza a apresentação com antecedência, organizando o conteúdo em unidades significativas, de forma a apresentá-lo em um máximo de uma hora em meia, com uns vinte minutos para cada simposiarca (apresentador de pequeno grupo);
- O simposiarca (coordenador) resume as idéias apresentadas;
- O grande grupo participa do simpósio encaminhando perguntas á mesa ao final das apresentações.

5— Júri Simulado

Objetivos

- Analisar e avaliar um fato proposto com objetividade e realismo;
- Criticar construtivamente unia situação determinada;
- Dinamizar o grupo para estudar profundamente um tema real.

Procedimentos

- Deve ser indicado um aluno para juiz e dois para escrivões;
- O restante da classe deve ser dividido em quatro partes; Promotoria (acusação), de um a quatro alunos;
 - Defesa, com igual número;
 - Conselho de sentença, com sete alunos;
 - Plenário, com os restantes;
- A Promotoria e a defesa devem ter alguns dias de prazo para a preparação, sob a orientação do professor;
- Concedem-se quinze minutos à Promotoria e depois quinze minutos à defesa, quando for feito o trabalho;
- Ao juiz compete manter a ordem dos trabalhos e formular os quesitos ao conselho de sentença;
- Aos escrivões compete fazer um relatório dos trabalhos;
- O conselho de sentença deve ouvir os argumentos de ambas as partes para dar a sua decisão final (se parecer conveniente, o professor pode permitir a cada conselheiro fazer sua pergunta à Promotoria ou á defesa);
- O plenário, para não ficar inativo, pode receber urna incumbência observadora, com no Grupo de Verbalização e Grupo de Observação, para rápido comentário;

Observação: interessante sua aplicação para julgamento de personagens e resultados científicos.

6 — Técnica de Reflexão

Objetivos

- Possibilitar a pessoas ligadas à mesma área de atuação o aprofundamento em um determinado tema através de pequenos grupos;
- Valorizar a participação individual no grupo, pela fundamentação teórica apresentada e pela troca de experiência entre os componentes.

Procedimentos

- Providenciar o preparo, com antecedência, do tema aos participantes;
- São permitidas consultas e revisões bibliográficas, antecipadamente;
- E feita a definição do grupo: coordenador, relator, participantes;
- No trabalho em grupo, podem ser utilizadas técnicas como reflexão pessoal, painel, debates, simpósios, mesa-redonda, estudo dirigido, etc.;
- A reflexão pode ter vários dias de trabalho;
- Culmina com o debate em grande grupo para as apresentações das conclusões.

7 - Painel Integrado

Objetivos:

- Oportunizar aos alunos (componentes dos grupos de estudo) a leitura, a discussão, a síntese/conclusão do conteúdo a ser trabalhado.

Discussão

- É o modelo clássico de uma técnica para a apresentação e fixação de conteúdos, podendo eventualmente ser utilizada como técnica de verificação.

Etapas do Painel Integrado

Procedimentos

1. Etapa

- Eleger o tema/contéudo a ser trabalhado;
- Explicar os objetivos do conteúdo e do trabalho de grupo;
- Formar grupos de acordo como o número de alunos da sala de aula, de forma tal, que os grupos não ultrapassem 6 elementos;
- Designar cada elementos com letras ou números conforme exemplo abaixo.

o	o	o	o
© Tarefa	Tarefa ©	© Tarefa O	Tarefa O
n ^o 1	n ^o 2	n ^o 3	n ^o 4
©©©©©© o ©			

Se a classe de alunos contar com grupos quantitativos heterogêneos as letras ou números para os elementos excedentes jamais pode ser diferentes das usadas para designar os grupos.

Após a formação dos grupos o professor deverá entregar o material a ser estudado, fixado ou verificado para que cada grupo encarregue-se de preparar a parte que lhe coube para apresentar aos outros grupos (reorganizados) na etapa posterior.

O tempo para a realização desta etapa do painel, deverá ser acordado com os grupos.

Anexo 1

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

FILOSOFIA

A função básica da Escola Bíblica Dominical é ser uma organização que esteja desenvolvendo atividades ministeriais fundamentais para o benefício da Igreja. Estas atividades incluem estudar a Bíblia, ministrar, atingir pessoas, e obter comunhão, as quais podem ser

realizadas mais efetivamente e mais pessoalmente em um ambiente de pequenos grupos, do que em uma congregação maior. Nossa EBD deve estar organizada para atender às necessidades de todos os grupos etários, de bebês a idosos, em ambientes e usando métodos de aprendizado apropriados para cada nível de desenvolvimento.

ESTUDO BÍBLICO

O ponto mais óbvio é que o Estudo Bíblico é fundamental para o crescimento individual de cristãos. Devemos ter a Bíblia como inspirada e normativa, para que nosso método não seja discutir sobre sua relevância ou implicações – assumimos que a Bíblia é verdadeira e partimos para sua aplicação na vida presente.

O valor do Estudo Bíblico para o crescimento do cristão é tão grande que não pode nem ser medido. A Bíblia deve ser estudada individualmente, todos os dias. Porém, não se deve esquecer que a participação em um grupo que estude as Escrituras sistematicamente, com aprendizado guiado por professores treinados, em um pequeno grupo que possa servir como apoio e grupo de controle vai estar completando e estimulando este estudo individual. E é para isso que a EBD deve existir.

MINISTRAR

Se fôssemos descrever a missão da EBD em uma palavra, esta palavra seria *ministrar*. As pessoas têm todos tipos de necessidades; a EBD, com sua orientação de grupo pequeno e fundamentos em ensino bíblico sólido, está estruturada para lidar efetivamente com necessidades emocionais (tais como auto-estima, busca de sentido), necessidades sociais (tais como solidão, oportunidades para servir os outros), e necessidades físicas e financeiras (quando a Igreja utilizar a EBD como um canal para ministério de beneficência). O mais importante é que a EBD seja um braço eficiente da igreja para satisfazer necessidades espirituais, com as quais somente a igreja está qualificada para lidar.

A estrutura organizacional da EBD pode funcionar como um sistema eficiente e efetivo de comunicação, prestação de contas e distribuição, para que todas essas áreas sejam ministradas. Uma organização que tem lugar para todos e tarefas designadas para cada pessoa pode identificar e atender às necessidades das pessoas.

ATINGIR PESSOAS

A organização da EBD oferece uma sala para cada indivíduo. Esta mesma organização oferece uma fundação ideal para atingir prováveis membros para a EBD e para a Igreja. Uma sala que tenha uma lista de prováveis alunos pode colocar seu ensino cristão em uma aplicação prática quando eles estiverem orando, contatando, ministrando e visitando essas pessoas com o objetivo de conseguir sua visita para que futuramente estejam se tornando parte da sala.

EVANGELISMO

Onde a Palavra de Deus é ensinada, vidas são desafiadas e decisões são tomadas. A Bíblia confronta indivíduos e pede uma resposta. O ensino diligente da Bíblia chama as pessoas para que estejam depositando sua fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O ambiente encontrado em um pequeno grupo de indivíduos que cuidam uns dos outros, que se encontram regularmente para encorajar e exortar uns aos outros, centrado na Bíblia, oferece o melhor ambiente possível para o trabalho do Espírito Santo na convicção e na regeneração.

ASSIMILAÇÃO

Uma das maiores dificuldades das igrejas hoje é assimilar novos membros à congregação, providenciando o tipo de laço com outros membros que apoiarão e nutrirão o crescimento espiritual. Estudos mostram que um novo membro que não formou pelo menos alguns relacionamentos íntimos dentro das primeiras quatro semanas em uma nova organização está essencialmente perdido para a organização. Designar novos membros para uma classe de EBD que funcione, na qual novas amizades podem ser formadas facilmente e o discipulamento ocorra naturalmente é a estrutura ideal para estimular laços. Fazer este tipo de tarefa exige treinamento e dedicação por parte dos alunos e líderes da classe para buscar ativamente trazer novas pessoas para dentro da comunhão da classe.

OBJETIVOS

Os objetivos da EBD devem ser derivados dos objetivos da Igreja, os quais estão claramente definidos pela Grande Comissão: “Ide, portanto, e ensinais todas as nações, batizando-as no nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-as a obedecer todas as coisas as quais eu lhes ensinei.” (Mateus 28:19-20). Esta passagem resume os ensinamentos do Novo Testamento e o propósito da igreja.

A EBD é, ou deveria ser, o corpo inteiro da igreja, incluindo membros, não membros, crianças e adultos, administrativamente organizados com responsabilidades definidas de ensinar, atingir, ministrar e obter comunhão. Portanto a EBD simplesmente representa a igreja organizada para executar a Grande Comissão.

Como tal, a EBD é diretamente responsável para que a igreja atinja esses objetivos. Em um nível mais elevado, os objetivos são:

- “ensinar todas as nações” *atingir e educar*
- “batizando-as” *atingir e evangelizar*
- “ensiná-las a obedecer” *educação e aplicação*

De uma outra perspectiva, os objetivos da EBD são providenciar uma organização abrangente responsável por atingir todos prováveis alunos para a Igreja; engajar membros em Estudo Bíblico relevante, significativo e regular; equipar a organização com recursos e liderança para o ministério efetivo, e liderar membros para a salvação e o desenvolvimento de sua vida espiritual.

ATIVIDADES DO PROGRAMA DE ENSINO BÍBLICO

As atividades do Programa de Ensino Bíblico (das quais a EBD é a organização existente permanentemente) são:

1. ALCANÇAR PESSOAS PARA O ESTUDO BÍBLICO

Esta é a atividade básica da EBD. Você simplesmente não pode ensinar pessoas sem alcançá-las primeiro. A EBD é o mais provável braço da igreja para alcançar pessoas por causa da

- * Sua organização, que conta com responsabilidade específica de alcançar cada possível aluno em um grupo consistente com suas necessidades sociais e de desenvolvimento;
- * Seu horário de reunião; o Domingo pela manhã continua sendo o melhor horário para atingir a maioria das pessoas (apesar de contar com horários alternativos também seja importante);
- * Seu conteúdo; a Bíblia é o currículo básico da EBD, e oferece um veículo ungido para atender às necessidades espirituais das pessoas;
- * Seu foco na comunhão e no ministério, que são essenciais para atender às necessidades de cada pessoa.

2. ENSINAR A BÍBLIA PARA AS PESSOAS

Esta é a tarefa que a maioria das pessoas associa à EBD. A Bíblia é a verdade revelada de Deus, e deve formar o conteúdo básico do currículo da EBD. Deus prometeu abençoar Sua palavra quando a ensinarmos; Ele não prometeu abençoar nossas opiniões ou argumentos. A Bíblia, ensinada com a ênfase devida na aplicação, permite que os alunos alcancem um encontro com o Deus Vivo que fará toda a diferença em atingir a vida abundante que Jesus prometeu.

3. LEVAR AS PESSOAS A UM RELACIONAMENTO PESSOAL COM JESUS CRISTO

O Evangelismo é a conseqüência natural da atenção fiel às duas primeiras atividades. Ele é realmente a atividade prioritária na observância da Grande Comissão, mas muito freqüentemente as duas primeiras atividades podem ser mais urgentes para que alcancemos uma pessoa e o envolvamos no estudo regular da palavra de Deus. A comunhão íntima com uma classe de EBD é o ambiente perfeito para apoiar o trabalho do Espírito Santo na convicção.

4. MINISTRAR PARA MEMBROS E NÃO-MEMBROS

Ministrar significa simplesmente atender às necessidades das pessoas. A sala de EBD pode tornar-se uma unidade coesiva na qual as necessidades individuais de todos os tipos são

reconhecidas e trabalhadas em um contexto de relacionamentos ricos. Necessidades de benevolência, sociais, físicas e emocionais, assim como necessidades espirituais, podem ser mais eficientemente atendidas, através da sala de EBD. Claro, há momentos quando outros departamentos da igreja são também necessários.

5. LEVAR AS PESSOAS AO CULTO DE ADORAÇÃO

Um dos resultados naturais do estudo semanal da Bíblia é um encontro dinâmico com Deus. É lógico que a EBD apóia e encoraja a participação no culto de adoração. A sala também está na melhor posição para estimular e apoiar devocionais e cultos domésticos. Publicações de apoio excelentes estão disponíveis para ajudar as pessoas nessas áreas, as quais podem ser providenciadas pela sala de EBD.

6.COMUNHÃO COM AS PESSOAS

O compartilhar aberto de assuntos pessoais e a discussão honesta de questões da vida é uma fundação excelente para desenvolver laços fortes e relacionamentos que podem ser tremendamente enriquecedores. Tais relacionamentos formam a base para um ambiente de aprendizado extremamente positivo quando a Bíblia é aberta todas as semanas para buscar orientação e direção. Por outro lado, nunca se deve permitir que a comunhão de uma sala cresça num sentido que o grupo fique tão fechado que novos membros não consigam prontamente estabelecer novos relacionamentos e tornar-se uma parte vital da sala. A comunhão deve estar em equilíbrio com alcançar novas pessoas.

7. ORGANIZAÇÃO

O propósito da organização da EBD é providenciar um lugar apropriado para cada indivíduo, de cada idade, sexo, e estado civil, no qual cada indivíduo possa ser ensinado com métodos e materiais de aprendizado desenvolvidos apropriadamente, em um ambiente de apoio, encorajamento e exortação. Esta organização deve ser abrangente (ou seja, deve fornecer espaço para todos), balanceada e bem administrada. O princípio de direção atrás da implementação de uma organização de EBD é *organizar-se para atender melhor às necessidades das pessoas*.

A organização mais viável de EBD é dividir por idade. Mais grupos podem ser estabelecidos se a quantidade de pessoas crescer para atender grupos dentro da igreja com necessidades comuns. No entanto, o agrupamento básico por idade é o que poderá mais provavelmente formar um laço comum para apoiar alcance, ensino, comunhão e ministério.

Quatro grupos de idade são reconhecidamente os básicos de qualquer organização: crianças não-alfabetizadas, crianças alfabetizadas, jovens e adultos.

Bibliografia – Beatriz Gama Resende

Anexo 2

Escola Bíblica Dominical

Conhecendo o aluno: Meios de percepção

Meio de Percepção: É o canal pelo qual o aluno aprende com mais facilidade. São quatro os meios: Cinestésico, Auditivo, Visual, Sinestésico.

1. **Cinestésico** - São os alunos que aprendem fazendo. Costumam aprender mediante tarefas. Costumam não prestar atenção à aula, mas mostram desenvoltura no desenvolvimento de tarefas.

2. **Auditivo** - Aprendem pelo "ouvido". São alunos que prestam atenção - e aprendem - no que o professor fala.

3. **Visual** - Aprendem pelo que vê. São alunos que tem grande capacidade de

guardar lições visuais.

4. **Sinestésico** - São alunos que combinam os três meios de percepção. Aprendem fazendo, ouvindo e vendo.

Agora, você vai aprender como identificar estes tipos de aluno em sala.

Conhecendo o aluno: Meios de percepção II

Como podemos identificar estes alunos na sala de aula? A resposta é simples:

Pelo olhar! Geralmente, as pessoas:

1. **Auditivas** - Costumam olhar para os lados, enquanto conversam. Ele procura lembranças auditivas;

2. **Visuais** - Os alunos visuais costumam olhar para cima, em busca de imagens mentais na mente.

3. **Cinestésicas** - Olham para baixo, procurando sensações que ficaram gravadas no corpo.

4. **Sinestésicas** - Olham para todos os lados enquanto conversam.

Vale a pena salientar que, de posse destes conhecimentos, você não poderá exigir que um aluno visual, por exemplo, se comporte como um aluno auditivo. Muitos professores, sem ter este conhecimento, acabam "sufocando" o aluno e dificultando seu aprendizado.

Agora vamos aprender como trabalhar com cada tipo de aluno.

DICA: Comece a observar para onde seus alunos olham enquanto você conversa com eles: se olham para cima, são visuais; se para baixo, cinestésicos; se para os lados, auditivos; se para todos os lados, ao mesmo tempo, sinestésicos!

Conhecendo o aluno: Meios de percepção III

Como trabalhar com estes alunos em sala? Observe a tabela abaixo:

VISUAL AUDITIVO CINESTÉSICO

Você deve usar recursos visuais, tais como quadros, filmes, slides, etc. Faça uso de sua voz. Use várias tonalidades. Peça para o aluno realizar tarefas

O professor deve fazer, através de gestos, o aluno "visualizar" a aula. Fale moduladamente. Movimente-se pela sala: o Cinestésico gosta de movimento.

A melhor aula, para o visual é a que ele pode ver o professor gesticular. Fale de maneira que todos entendam. Faça o aluno "sentir" a aula. Como você já deve ter percebido, você tem que ser "poliglota": falar a "linguagem" de sua sala. Portanto, gesticule, mostre, module a voz, cuidado com a postura, etc.

Recomendamos para isso o nosso curso de oratória.

Dica: Nunca faça uma aula usando apenas sua voz e a revista adotada. Use figuras, filmes, dinâmicas, testes, etc. Os alunos vão gostar!!!

Tipos de alunos

O que são "tipos de alunos"? São características presentes em cada aluno em particular. São eles:

TIPOS CARACTERÍSTICAS COMO LIDAR COM ELES

Sentimental: Costuma primeiro "sentir" a aula; Gosta de coisas de interesse sentimental: família, filhos, amores, etc. Faça da aula, algo bem sentimental e pessoal.

Empresário: São os alunos que gostam que o professor vá "direto ao assunto"; Detestam "rodeios" na hora de respostas ou atividades. Seja "rápido, direto e objetivo".

Analítico: São alunos que só aprendem pela repetição; Gostam de assuntos detalhados, "nos mínimos detalhes" Explique tudo de maneira detalhada. Repita, se preciso for.

Brincalhão: São "a vida" da classe; Parece incrível, mas eles são os mais exigentes em sala. Mantenha o humor sadio e seja receptivo às suas brincadeiras.

Dica: Observe, a partir de hoje, como você tem respondido às perguntas feitas em sala de aula: Tem sido empresário ou analítico? Sentimental ou brincalhão?

Temperamentos e suas implicações

O que são "temperamentos"? A princípio, a palavra nos lembra outra palavra: tempero. Mas, por incrível que pareça a origem desta palavra tem a ver com "tempero"! Temperamentos são características genéticas que herdamos de nossos pais no campo da personalidade; em outras palavras, você tem "o tempero de teu pai e tua mãe". Os temperamentos são quatro:

SANGUÍNEO FLEUMÁTICO MELANCÓLICO COLÉRICO

Emotivo Quietos Sentimental Otimista

Compassivo Pessimista Sensível Auto-suficiente

Falta de prática Introverso Sacrifica-se Dominador

Falante Indeciso Amigo fiel Líder

Amigável Lento Auto-centralizado Agressivo

Vive no presente Preguiçoso Perfeccionista Vontade forte

Egoísta Calmo e frio Criativo Decidido

Otimista Eficiente Mau-humorado Prático

Comunicativo Confiável Crítico Sarcástico

Boa companhia Teimoso Indeciso Insensível

De posse destes dados, você pode fazer o teste de temperamento. Lembre-se que temos estes temperamentos - todos os quatro - dentro de nós! Um deles predomina em você e seus alunos!!!

Dica: Procure conhecer melhor o temperamento de seus alunos. Aplique o teste de temperamento na área de testes e dinâmicas!

Diferenças entre os sexos I

Todo bom professor já ajudou seus alunos a passarem por momentos emocionais e espirituais. Observando detalhadamente, o professor já deve ter visto que existem diferenças entre homens e mulheres, no que diz respeito à resolução de problemas.

As diferenças físicas, todos já conhecemos. São elas:

1. O homem e a mulher diferem na estrutura do esqueleto. A mulher tem cabeça mais curta, rosto mais largo, queixo menos proeminente, pernas mais curtas e tronco mais comprido.
2. O sangue da mulher possui mais água que o do homem.
3. A mulher suporta altas temperaturas melhor que o homem, porque seu metabolismo se desacelera mais devagar.
4. As mulheres tendem a ser mais pessoais que os homens. Isto é, possuem maior interesse por dores alheias.
5. Os homens tendem a expressar sua hostilidade pela violência física, enquanto as mulheres se inclinam mais a expressar-se verbalmente.

Freud, certa vez, disse que não conseguia entender as mulheres! Se ele não entendia (ele é o pai da psicanálise!), imagine nós! :-)

Mas, graças a estudos de pesquisadores modernos, podemos traçar "linhas gerais" que determinam como homens e mulheres reagem aos problemas. Vamos ver quais são?

Dica: Procure observar um casal discutindo. Você vai ter a oportunidade de ver como homens e mulheres reagem quando sob pressão.

Diferenças entre os sexos II

Como entender os homens?

- a. Os homens têm a tendência de serem bastante práticos; ou seja, não existe teoria, só prática, no "mundo dos machos".
- b. O "tendão de Aquiles" do homem é o elogio e a admiração;
- c. Os homens, quando estão preocupados, tendem a se calar e buscar dentro de si algo que lhe traga solução imediata;
- d. Todo homem procura ser competitivo em tudo o que faz; desde o serviço até a procura de uma companheira.

Dica: Como se "conquista" um homem? Com admiração! Elogios sinceros, incentivam qualquer homem!

Diferenças entre os sexos III

Como entender as mulheres?

- a. As mulheres tem a tendência de ponderar sobre um problema antes de agir;
- b. O "tendão de Aquiles" das mulheres é atenção incondicional
- c. As mulheres, quando preocupadas, tendem a procurar alguém para desabafar; após se sentirem "aliviadas" partem para a solução do problema.

Vale a pena ressaltar que, os homens, quando com problemas, tendem a se "fechar" e as mulheres "se abrir". Nunca queira que um aluno homem lhe "fale de problemas". Homens se "fecham" em horas assim. Já as alunas de sua sala, você, quando vê-las preocupadas, pode chamar para conversar que, com certeza, elas vão gostar.

Dica: Como se conquista uma mulher? Dando atenção incondicional! As mulheres gostam de exclusividade na atenção!

Conclusão

CRIATIVIDADE. Este é o único requisito para ser um professor bem-sucedido. Preste atenção na texto abaixo:

"Na sociedade em vivemos(...) freqüentemente nos vemos em dificuldade para saber que presente daremos a nossos amigos e queridos (...) Tenho uma sugestão. Pode não parecer caro, nem original, mas, creia-me, funciona sempre (...) Este presente ideal é... Você mesmo!

É isso mesmo! Dê um pouco de você mesmo para os outros.

Dê uma hora do seu tempo a alguém que precisa de você.

Envie uma nota de encorajamento a alguém que está desanimado. Dê um abraço de afirmação a alguém de sua família. Faça uma visita de misericórdia a alguém que está prostrado numa cama. Faça uma refeição para uma pessoa doente. (...)

Faça um ato de bondade a alguém obscuro e esquecido (que sabe seus alunos??).

Ensinou-nos Jesus: "... quando o fizestes a um destes pequeninos irmãos, a mim o fizestes..." (Mt 25.40)"

Portanto, amado professor, "entregue-se" para a sua sala. A recompensa será eterna!

© 2000 E.B.D. Virtual. Todos os direitos reservados

Anexo 3

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDPNADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS**

A construção da proposta pedagógica da escola

Introdução

O ano 2000 traz muitas propostas de avanço em direção à construção de uma concepção de cidadania voltada para o desenvolvimento pleno da pessoa e seu preparo para o exercício desta cidadania. Esta concepção, em torno da qual nós, profissionais da Educação paulista, temos trabalhado, encontra-se contemplada na Constituição de 1988, que reafirma a Educação como

direito de todos e dever do Estado e da família, a ser promovido e incentivado com a colaboração da sociedade. Nesse sentido, o compromisso de garantir o acesso, a permanência e a efetiva aprendizagem dos alunos deve permear todo o processo de retomada na construção do projeto pedagógico da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases - LDB, recentemente promulgada, evidencia a necessidade de desburocratizar a Educação, promovendo a descentralização do sistema e imprimindo maior autonomia aos estados, municípios e às escolas. Essas medidas facilitarão o alcance de alguns objetivos, como: promover a integração do aluno na rede cultural e tecnológica da atualidade, à medida que procura oferecer condições que potencializem as capacidades individuais e disponibilizem recursos para uma escola mais eficaz.

Visando a essa integração, a LDB dispõe sobre a responsabilidade da escola em promover amplas condições e oportunidades de aprendizagem, estabelecendo a possibilidade de avanço nos cursos, nas séries e nos ciclos, escolas de tempo integral, capacitação de profissionais da Educação, aceleração para alunos com atraso escolar, estudos de recuperação e maior autonomia das escolas de Ensino Básico e das Universidades. Ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de propiciar a todos a formação básica comum confere maior flexibilidade no trato dos componentes curriculares.

É nessa perspectiva que os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs estabelecem o princípio da base nacional comum, a ser complementada por uma parte diversificada em cada sistema de ensino e escola. Em síntese, os PCNs contemplam uma concepção de currículo tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio, que deve obrigatoriamente propiciar oportunidades para o estudo da língua portuguesa falada e escrita, da matemática, do mundo físico e natural e da realidade social e política, enfatizando o conhecimento do Brasil. Reafirma-se o ensino da arte e da educação física como necessariamente integrado à proposta pedagógica e o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna como obrigatório a partir da 5. série do Ensino Fundamental.

O exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para intervenção e participação responsável na vida social. Para que a escola atende a esses objetivos, torna-se necessário uma proposta educacional que expresse a busca da qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. A escola mais do que nunca é um espaço social privilegiado de construção de conhecimentos, significados éticos necessários e constitutivos das ações de cidadania.

O papel da Educação no mundo contemporâneo coloca, portanto, para a escola, um horizonte mais amplo e diversificado. E preciso ter em vista uma formação de estudantes capazes de adquirir e desenvolver novas competências, em função de novos saberes que se produzem e que demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capazes de responder a novos ritmos e processos. Isso impõe novas demandas para a escola: é preciso garantir condições para que o aluno se instrumentalize para um processo de educação contínua e permanente. Esta é a escola de sucesso; a que garante a todos os alunos uma trajetória escolar bem sucedida, sem obstáculos, sem tropeços e sem voltas.

Coloca-se também para o professor a necessidade de aprendizagem contínua, que lhe possibilite acompanhar a dinâmica do movimento científico e cultural em que está inserido, para que dele possa participar e nele interferir.

A escola reafirma-se assim, como um espaço de formação e informação que deve possibilitar o desenvolvimento de capacidades que permitam compreender e intervir nos fenômenos sociais e culturais e garantir que os alunos possam ter acesso e compreender o produto das culturas nacionais e universais. A aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais que marcam cada momento histórico e em um universo cultural maior.

Repensando a construção da proposta pedagógica no contexto de mudanças

Repensar a construção da proposta pedagógica exige uma reflexão da equipe escolar para avaliar as ações planejadas e desenvolvidas ao longo do período previsto. O grupo deve se reunir para identificar as dificuldades encontradas e não resolvidas, pensando as possíveis ações que possam minimizá-las. Deve também, retomar as ações que se revelaram positivas, a fim de redirecioná-las, favorecendo a concretização do projeto pedagógico da escola. Assim, a construção da proposta pedagógica, além da retomada do trabalho já desenvolvido, deverá promover o estudo e a reflexão contínua sobre as experiências acumuladas para a definição de outras metas, de novos pontos de chegada e de metodologias diferenciadas que contribuirão para o sucesso da escola.

Qual o ponto de partida?

A escola tem, como sabemos, a função de criar condições para que todos os alunos possam ampliar o conhecimento, desenvolver as habilidades necessárias para a compreensão da realidade e para a participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas.

É nessa perspectiva que as escolas estão desenvolvendo o seu plano de trabalho. Neste momento, surge a necessidade de auxiliar a discussão no coletivo da escola para a retomada do seu projeto pedagógico. Assim, apresentamos como sugestão, algumas questões que poderão servir de ponto de partida para o início desta atividade.

Quais serão os pontos fundamentais em torno dos quais vamos trabalhar este ano?

O levantamento dos pontos fundamentais, em torno dos quais se desenvolverá o plano de trabalho para o ano 2000, pode ser desencadeado a partir da análise sobre a real situação de aprendizagem dos alunos, uma vez que é em torno do desenvolvimento deles que giram as ações da escola. Assim, torna-se essencial considerar os dados de permanência e desempenho dos alunos, disponíveis a partir dos diferentes instrumentos utilizados para a avaliação, tanto do ponto de vista qualitativo como do quantitativo.

- Número de alunos de cada classe/série/ciclo
- Número de alunos na disciplina
- Número de alunos classificados/reclassificados
- Número de alunos participantes de estudos de recuperação paralela
- Número de alunos participantes de estudos de recuperação nas férias
- Dados de desempenho dos alunos nas classes de aceleração
- Dados de desempenho nos diversos instrumentos elaborados e aplicados pela escola
- Dados de desempenho dos alunos no SARESF

O que esses dados nos mostram?

Esses dados possibilitam o diagnóstico da situação real de desempenho dos alunos e, conseqüentemente, a definição do ponto de partida para o trabalho a ser desenvolvido com vistas a alcançar as metas consideradas prioritárias pelo coletivo da escola. ¹

Quais os componentes que apresentaram maiores dificuldades? Porquê?

Quais as habilidades que os alunos ainda não desenvolveram? Por quê?

Quais as séries que apresentaram maiores necessidades de estudos de recuperação? Por quê?

Quais foram os aspectos de maior avanço? A que se devem esses avanços?

Que alterações consideramos necessárias na nossa trina de trabalho para este ano?

Após a identificação das necessidades das crianças e dos jovens os educadores podem procurar desenvolver o trabalho de maneira flexível, dentro de um padrão metodológico que mobilize interesses, ative a participação, desafie o pensamento, instale o entusiasmo e a confiança, possibilite acertos, valorize os avanços e melhore a auto-estima. Na verdade, esses princípios passam a ser diretrizes da atuação do professor, numa busca de tornar significativo e bem sucedido o processo de ensino e aprendizagem.

Que atividades desenvolvidas na escola são consideradas bem sucedidas?

Analise os fatores que levaram a isso.

O que uma proposta pedagógica deve contemplar?

Uma proposta pedagógica, como expressão clara e objetiva dos valores coletivos assumidos, deve contemplar as prioridades estabelecidas pela equipe, a partir das necessidades elencadas, da definição dos resultados desejados, incorporando a auto-avaliação no desenvolvimento do trabalho.

É a característica não específica e não generalizável da proposta pedagógica que lhe confere a natureza de algo não definitivo, solicitando constantemente o conhecimento das ações desenvolvidas pelos professores das diversas áreas, pelos professores coordenadores pedagógicos e demais integrantes da equipe escolar, servindo de base para o diálogo e reflexão do grupo e para a participação da comunidade.

Cabe, portanto, à própria escola, em sua proposta pedagógica, definir suas necessidades e conveniências. Na verdade é o coletivo da escola que vai definir todos os seus passos: objetivos, metas, meios, recursos estratégias e critérios. Não se pode esquecer que a elaboração da proposta pedagógica será o exercício de autonomia, que será maior à medida que aumentarem a participação e o envolvimento do coletivo de educadores da escola.

Quais os conhecimentos/habilidades/attitudes e valores que vamos trabalhar prioritariamente tendo em vista a realidade da escola?

A construção da proposta pedagógica da escola demanda uma reflexão sobre os conteúdos a serem selecionados, de modo a ampliar a concepção de conteúdo para além de fatos e conceitos, passando a incluir procedimentos, valores normas e attitudes, reafirmando a responsabilidade da escola com a formação ampla do aluno. Nesse sentido, o coletivo da escola deve refletir sobre um ensino em que o conteúdo seja visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos.

Quais os conhecimentos/habilidades/attitudes e valores esperamos que os alunos desenvolvam ao longo do seu percurso escolar?

Como a escola vai se organizar para desenvolver esse trabalho? Com quais recursos contamos?

Para ampliar o conhecimento desenvolver habilidades/attitudes dos alunos, estão envolvidos importantes aspectos organizacionais que pôr sua vez estão amparados pôr uma determinada concepção de ensino. Recomenda-se que a escola se organize para possibilitar formas variadas de trabalho, com acompanhamento e registros da aprendizagem dos alunos, garantindo também mecanismos de avaliação e de auto-avaliação. Ainda, sugere-se que o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula seja realizado através da combinação de atividades comuns e diversificadas, de forma que possibilite aos alunos, além do momento individual, o trabalho em duplas, em pequenos e grandes grupos, em ambientes mais adequados e com materiais de aprendizagem.

A partir do diagnóstico da realidade da escola, podemos pensar em várias formas de a escola se organizar para potencializar o alcance das metas estabelecidas tais como: salas-ambiente, flexibilização curricular, recuperação paralela e contínua e classes de aceleração.

A organização do espaço escolar deve pautar-se pelas necessidades de desenvolver a proposta de trabalho considerada necessária. A melhor organização e utilização do tempo e dos espaços será o resultado de nossas concepções de escola como um lugar para ensinar e aprender

Enfim, ao organizar a escola em salas-ambiente ou ao propor uma flexibilização do currículo, ou ainda, ao planejar ações específicas e diferenciadas para os períodos de recuperação, estaremos possibilitando diferentes formas de se desenvolver uma aula, facilitando as trocas entre os alunos, colaborando com a auto-estima dos alunos ao permitir sua participação ativa nos trabalhos escolares e ao valorizar sua produção, bem como valorizando a prática pedagógica do professor à medida que ele pode organizar com mais eficiência o seu trabalho.

Ensinar, Aprender, Avaliar, Progredir Continuamente

A compreensão que temos hoje do processo de ensino e aprendizagem exige um outro olhar para o processo de avaliação, que não pode mais se limitar a ser um procedimento decisório quanto à aprovação ou reprovação do aluno. Aprovação e reprovação são distorções perversas do conceito de avaliação. A avaliação é um procedimento pedagógico pelo qual se verifica continuamente o progresso de aprendizagem e se decide, caso necessário, sobre os meios alternativos de recuperação ou reforço.

Um ponto-chave é a compreensão de que os caminhos postos pela LDB para a Educação Básica buscam oferecer as condições legais para que cada escola, com flexibilidade, se organize para facilitar o alcance dos seus objetivos. A LDB confere aos estabelecimentos que utilizam progressão regular pôr série a autonomia de adotar, no Ensino Fundamental, o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

O entendimento da progressão continuada exige repensar concepções de ensino, aprendizagem e avaliação e propõe romper resistências, mudar representações acerca da escola, reconstruir a forma tradicional da relação escola-família.

Mudanças na avaliação devem envolver um novo paradigma da relação professor/aluno, vista como uma relação de apoio e de parceria”³. Essas mudanças provocam ansiedade entre os professores que habitualmente fazem uma avaliação classificatória, que apenas verifica o rendimento escolar para separar os alunos em aprovados e reprovados ao final do processo. Ao invés disso, é necessário que os professores superem essa posição mais individualista e possam construir coletivamente novas formas de trabalho docente, partindo para uma avaliação formativa, capaz de colocar à disposição do professor e da equipe escolar informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem dos alunos, os quais dependem da estrutura dos conhecimentos a construir e das habilidades a desenvolver em cada área,

A concepção de progressão continuada não se confunde com a idéia de promoção automática. Enquanto esta última sugere menor investimento no ensino, a progressão continuada, conforme a Deliberação CEE nº 9/97 que a institui, enfatiza a necessidade de avaliações da

aprendizagem, do desenvolvimento do aluno, do próprio ensino e avaliações institucionais; a necessidade atividades de reforço e recuperação (paralelas e contínuas), de meios alternativos de adaptação, reclassificação, avanço, reconhecimento, aproveitamento e aceleração estudos de indicadores de desempenho, controle de frequência dos alunos e dos dispositivos regimentais adequados.

A avaliação tem, portanto seu sentido ampliado, de alavanca do progresso do aluno e não mais o de um mero instrumento de seletividade. Ela adquire um sentido comparativo do antes e do depois da ação do professor, da valorização dos avanços, pôr pequenos que sejam, em diversas dimensões, do desenvolvimento do aluno, perdendo, assim, seu sentido de faca de corte. A avaliação se amplia pela postura de valorização de indícios que revelem o desenvolvimento dos alunos, sob qualquer ângulo, nos conhecimentos, nas formas de se expressar, nas formas de pensar, de se relacionar, de realizar atividades diversas, nas iniciativas”³.

“A progressão continuada portanto, deve ser entendida como um mecanismo inteligente e eficaz no ajuste da realidade do fato pedagógico à realidade dos alunos, e não como um meio artificial e automático de se ‘empurrar os alunos para as séries, etapas, fases subseqüentes’, ou seja, é o resultado dos esforços coletivos de ensino que cada escola realizou para fazer o aluno progredir.

‘No contexto da progressão continuada, as expressões habituais de aprovação e reprovação perdem sentido e cedem lugar aos conceitos de progressão, aprendizagens diferenciais e desenvolvimento global, orientados pôr maior clareza quanto aos objetivos do ensino fundamental na sociedade contemporânea, na comunidade onde a escola se insere, em um contexto de democratização da educação. O referencial passa a ser o objetivo de socialização dos conhecimentos básicos para todos é não os critérios de excelência em cada fragmento do conhecimento para poucos. Todos os alunos deverão percorrer a escola fundamental em oito anos, e cada unidade do sistema deverá potencializar todos os recursos para efetivar esta meta”

‘O caráter radical da idéia de progressão continuada provoca, sem dúvida, saudáveis questionamentos em um sistema impregnado da tradição seletiva como se tem caracterizado o nosso’. Outras formas de abordagem e atitudes, no entanto, podem ser valorizadas para responder a algumas questões, tais como: diferentes formas de trabalho que respeitem o aluno em seu ritmo, promovendo sua auto-estima, a exemplo do que já se vivencia nas Classes de Aceleração, ou em estudos de recuperação com programação específica.

Torna-se possível, também, pensar em outras formas para a organização das turmas na escola, a partir da reclassificação dos alunos da própria escola ou recebidos pôr transferência, e a própria classificação que poderá ser feita pôr promoção, transferência ou independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela própria escola.

A análise crítica das situações de aprendizado, bem como as discussões sobre como superar as dificuldades, sobre como será a avaliação e reforço devem ser muito bem organizadas pela equipe escolar. E necessário, ainda, o envolvimento dos pais e da comunidade. A revitalização dos Conselhos de Classe, Grêmios e APMs é fundamental para e análise da situação escolar e discussão das formas de superar as dificuldades encontradas. Assim, cada escola, com seus problemas concretos e a participação direta de sua equipe escolar e da comunidade, deverá planejar os procedimentos pedagógico-administrativos para organização, desenvolvimento e avaliação de sua proposta pedagógica.

A proposta pedagógica da escola, coletivamente construída, será o fio condutor desta tarefa. Nela cada escola irá estabelecer os procedimentos operacionais para a realização do trabalho docente e discente. A luz de sua proposta pedagógica, cada escola elabora seu regimento, que define formas de avanço dos alunos e todos os procedimentos para sua classificação e reclassificação, bem como os instrumentos e mecanismos a serem utilizados no encaminhamento do aluno para a turma mais adequada à sua idade e nível de desempenho.

A partir das prioridades destacadas pelo coletivo da escola na elaboração da proposta pedagógica, será possível elencar e encaminhar à respectiva Diretoria de Ensino — DE. as necessidades verificadas pelo grupo em relação a demandas de educação continuada, para atender ao atual contexto de mudanças. Desse modo, cada DE. poderá redirecionar sua ação de capacitação para responder às questões emergentes e assim auxiliar na construção deste novo modelo de escola nas suas respectivas regiões.

Apoio Bibliográfico

BARROSO, João. *Da exclusão escolar dos alunos à inclusão social da escola: que sentido para a territorialização das políticas educativas?*. Lisboa: [s.n.] 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental.

Parâmetros curriculares nacionais. Distrito Federal: MEC/SEF, 1996.

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura. *Raízes e asas*. Fascículo 1. São Paulo: CENPEC, 1994.

Raízes e asas. Fascículo 4. São Paulo: CENPEC, 1994.

_____ *Raízes e asas*. Fascículo 5. São Paulo: CENPEC, 1994. _____ *Raízes e asas*. Fascículo 6. São Paulo: CENPEC, 1994.

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura. *Raízes e asas. De olho no vídeo*. São Paulo: CENPEC, 1996.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Escola nas férias: mais uma oportunidade de aprender* São Paulo: SEICENP, 1997.

Escola em movimento. São Paulo: SEICENP, 1994 (Argumento).

Propostas curriculares. São Paulo: SEICENP, 1994.

Projeto facilitando mudanças educacionais. São Paulo: SE/CENP.

_____ *Escola e proposta educacional: currículo e avaliação*. São Paulo: SEICENP, 1994. (Argumento).

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Jornal Escola Agora*. São Paulo, n. 16, fev. 1998.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Classes de aceleração: ensinar pra valer* Módulos 1, 2, 3 e 4. São Paulo: SEIFDE, 1997.

- *Classes de aceleração: avaliação*. São Paulo: SEIFDE, 1997.

_____ • *Proposta pedagógica curricular — classes de aceleração*. São Paulo: SE/FDE, 1997.

e VELZEN, Boudewijn van, MADZA, Ednir. *Eu adoro reunião de planejamento!* Revista Nova Escola, São Paulo: p.6, fev. 1996.

- 1 Sugerimos a leitura do material *Raízes e Asas*, fascículos 1 (*A escola e sua função social*, especialmente, o capítulo currículo e parâmetros curriculares. p. 22-35), 4 (*Projeto de Escola*, especialmente as pp. 19—39), 5 e 6 (*Ensinar e aprender Como ensinar um desafio*), assim como do IFVT0 *Qualidade para todos: o caminho de cada escola*, p. 145-159.
- 2 Sugestões de leitura: BARROSO. João. *Da exclusão escolar dos alunos à inclusão social da escola: que sentido para a territorialização das políticas educativas?*. Lisboa, 1996; São Paulo (Estado) Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Classes de Aceleração: avaliação*. São Paulo: SEJFDE, 1997; SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Escola em movimento*. São Paulo: SEICENP, 1994 (Argumento).
- 3 Indicação CEE n. 22/97, de 17/12/97.

BIBLIOGRAFIA:

- Silva, Prof. Maria Aparecida Monteiro da Silva – Metodologia do Ensino Superior – - - ESAPP – P.Pta Sp
- EETAD – Elementos de Pedagogia
- EETAD – Educação Cristã
- A Construção da proposta pedagógica da escola – Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.
- Esquema do Tele-Encontro – Planejamento 2.000 – Implicações para o Planejamento de Uma Escola Bem sucedida. Governo do Estado de São Paulo – Secretaria de Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.
- Freire, Paulo – Educação e mudança – Editora Paz e Terra, 22. Edição.
- Escola Bíblica Dominical Virtual – ebdvirtual@zipmail.com.br